O GRITO DE CRISTO NA CRUZ E O GRITO DO DEPENDENTE QUÍMICO UMA REFLEXÃO A PARTIR DO ESCRITOS DE CHIARA LUBICH

Francisco de Assis Lopes de Oliveira[1]

Resumo

A proposta ao estudar sobre o grito de Cristo na cruz e sua relação com o sofrimento do dependente químico pretende refletir acerca da problemática da angústia sofrida pelos toxicodependentes. O olhar de Chiara Lubich, e de outros autores conceituados, auxilia na elucidação do tema. O problema da drogadição é, primeiramente, existencial e está presente em todas as culturas, raças e classes sociais, sendo abordado por várias áreas da Ciência. Na Teologia, de forma particular na Cristologia, pelo mistério pascal, se encontra uma resposta aos que, assim como o dependente químico, sofrem e buscam encontrar sentido para seu sofrimento.[2]

Palavras-chave: Teologia da Cruz. Jesus Abandonado. Dependência química. Vazio existencial. Chiara Lubich.

1 INTRODUÇÃO

Jesus crucificado foi um escândalo para sua época, porque tal condenação era para os piores bandidos. O cenário do calvário se torna, por ser o ápice do sacrifício pascal do Cristo, fonte de estudo para teólogos de todos os tempos, na busca de aprofundar os traços desse evento salvífico.

A teologia da cruz crucifica o cristão. Ela questiona todos os nossos modelos, nossas representações sobre o homem, sobre Deus, sobre a sociedade. Ela obriga o cristão a possuir uma identidade que não pode ser projetada num modelo político, religioso e de um futuro imanente na história.

[1] Graduado em Filosofia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté, São Paulo (2019). Graduando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: franciscoihs@hotmail.com.

[2] Essa é parte do artigo científico, em construção, a ser apresentado ao Curso de Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, como pré-requisito para obtenção do Título de Bacharelado em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos.

Ela destrói tudo isso e deixa o homem nu, como o Crucificado na cruz (Boff, 2003, p. 130).

Contudo, um aspecto chama atenção para este artigo, o grito do Cristo na cruz: "'*Eloí, Eloí, lemá sabactáni*', que traduzido significa: 'Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?'" (BIBLIA, 2015, Mc 15,34, p. 145) e sua ligação com o grito de tantos sofredores e sofredoras da história. O grito na cruz ultrapassa os limites de calvário e, pelo mistério da encarnação do verbo de Deus que se faz Homem, abraça a condição humana com suas angústias, lutas e dores, de modo que, cada sofrimento do homem e da mulher está em comunhão com Jesus Abandonado. Também na vida daqueles homens e mulheres que passam pela dependência química existe um grito existencial, de que, ao mesmo tempo em busca sentido nas drogas. As cracolândias das grandes metrópoles ou os becos usados como esconderijo são o novo calvário, a nova cruz.

Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, se dedicou, de uma maneira particular, a meditar sobre Jesus Abandonado que serve, para base de pesquisa da Teologia, tanto no campo da Cristologia, como o da espiritualidade. Bebendo das fontes de teólogos contemporâneos, Chiara fala de Jesus Abandonado relacionando-o com os diversos sofredores presentes da humanidade.

O presente trabalho de pesquisa está dividido em três pontos: a) Uma explanação teológica sobre o significado do grito de Cristo na Cruz; b) O sofrimento presente na dependência química e c) Chiara Lubich e sua reflexão sobre o grito da cruz e o sofrimento humano, articulando com o grito dos dependentes químicos.

2 O GRITO DE CRISTO NA CRUZ

Na Cruz, Jesus, o Filho de Deus, experimenta a dor e a condenação que lhe foi imposta pelo poder político e religioso de sua época e mais que uma imposição é uma doação livre e voluntária de sua parte, como lemos: "porque dou a minha vida [...] ninguém a tira de mim, mas eu a dou por mim

mesmo. Tenho autoridade para dá-la e autoridade para retomá-la" (BIBLÍA, 2015, Jo 10,17s, p. 270–271). Jesus abraçou a cruz e com ela remiu o mundo da escravidão do pecado. Ora, mas a dor da cruz já era tremendamente grande e escandalosa para Jesus Cristo, parecendo não haver dor mais profunda, quando Ele se vê rejeitado pela terra e abandonado pelo Pai (Lubich, 1998, p. 22).

Na reflexão da experiência do grito na cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Sl 22,1; Mt 27,46; Mc 15, 34), auxiliam na nossa reflexão Jürgen Moltmann e Leonardo Boff para o aporte teológico do pensamento de Chiara Lubich. Se a teologia da cruz já se fazia um desafio para os teólogos antigos, imagina falar da experiência do abandono de Deus por Deus (Moltmann, 2009, p. 256)?

O grito de Cristo na cruz leva ao problema da teodiceia: Seria possível tal acontecimento no seio da Trindade, em que se rompe, de alguma maneira, a unidade da Trindade? Por que o Pai permitiu que seu Filho Unigênito passasse por tamanha dor e se sentisse abandonado?

> Em termos mais enfáticos, diz Paulo: "Ele o fez pecado por causa de nós" (2Cor 5,21), e: "tornou-se maldição por nós" (Gl 3,13). O Pai abandona o Filho "por nós", isto é, ele o entrega para tornar-se Deus e Pai dos abandonados. O Pai "entrega" o Filho para tornar-se Pai dos "entregues" por meio dele (Rm 1,18s). Isso transforma também o "Pai todo-poderoso", pois Cristo foi "crucificado na fraqueza de Deus" (2Cor 13,4). O Filho é entregue à morte para tornar-se o irmão e salvador dos condenados e amaldiçoados. (Moltmann, 2009, p. 267)

O grito da cruz, na verdade, se faz resposta para tantos abandonados na história que se unem ao Crucificado e, encontram n'Ele, sua dor. No alto da cruz estão unidos tantos outros gritos ao qual o Cristo, Deus e homem, representou.

A Trindade inteira participa da dor do Calvário. A garantia da unidade é o amor contido em cada uma das Pessoas da Trindade e que transbordam para toda a humanidade, de modo especial, os que mais sofrem diante das dores da vida. Assim, a Trindade experimenta a dor e o vazio para dar

sentido à dor e ao vazio de cada pessoa humana (Aguiar, 2019, p. 83-84). Um Deus que sofre generosamente se tornando solidário com a dor de suas criaturas:

> Nesse sentido, a cruz de Cristo, para Moltmann, é entendida como resposta ao problema da teodiceia, interpretada com suporte nos temas amor, sofrimento e solidariedade de Deus no sofrimento da criação e dos homens. Em um mundo de crucificados, a cruz sempre atrairá para perto de si todos os crucificados que encontram, no Crucificado-Ressuscitado, a força e a resistência a todas as modalidades de morte e de injustiça (Aguiar, 2019, p. 78-79).

Jesus, o Filho de Deus, experimenta o sofrimento, o abandono e a morte. Mas o Senhor ressuscitou do sepulcro, deixando-o vazio para sempre! Venceu o sofrimento, o abandono, a morte e continua a vencer em cada um de seus membros que passam pelo mistério da dor, seja ela de ordem física ou emocional, lhes conferindo autoridade sobre todo tipo de mal. Por isso, podemos passar da Teologia da Cruz para a Teologia da Esperança, que estão ligadas e não podem ser pensadas separadamente (Aguiar, 2019, p. 61).

O mistério Pascal nos confere uma teologia repleta de sentido, não somente escatológico e soteriológico, mas também sentido para o aqui e agora da Igreja militante, dos homens e mulheres de toda a terra que sofrem pela perda de sentido, vazio existencial, pela marginalização, pelo abandono, pelos vícios mais diversos, pela doença e o desespero. A esperança aqui, como virtude teologal, é para o "já" daqueles que sofrem, levando-os a uma vida verdadeira, digna, em que a pessoa humana encontre seu lugar de resgatado por aquele grito do Cristo na cruz e, por isso mesmo, é capaz de encontrar a ressurreição.

3 O SOFRIMENTO PRESENTE NA DEPENDÊNCIA QUÍMICA

O sofrimento está presente em todas as esferas do mundo. Atualmente vemos crescer o número, dias após dia, de pessoas que, na luta contra o vazio existencial, cometem suicídio. É uma questão assustadora, que pede

atenção especial na perspectiva de encontrar respostas que auxiliem a humanidade na busca de sentido.

De forma especial, se apresenta o problema crescente da dependência química e, com ele, seus embates. As cracolândias se assemelham aos campos de concentração, onde muitos se perguntaram assim como Moltmann (Aguiar, 2019, p. 81), sobre onde estaria Deus diante de tanto sofrimento. Ou ainda, pode-se comparar, a dependência química, ao que a humanidade passou diante da pandemia, ou seja, um problema de ordem mundial que encontra novos viciados a cada dia e está presente, para além das grandes cidades, nos cantos que eram considerados improváveis, como pequenas vilas e povoados.

O holocausto é uma marca sombria na história da humanidade. Quanto sofrimento! Quantas pessoas abandonadas ao destino e a vontade cruel de mentes doentes pelo poder! A guerra e o holocausto demonstram quão perversa pode ser a pessoa humana, mergulhada no abismo do egocentrismo, destruindo e matando pessoas inocentes. Também na comunidade hodierna vemos despontar um massacre em massa pela drogadição, sem mencionar o "sistema" político por trás dessa onda destruidora que continua a matar tantos inocentes. E a pergunta é a mesma que passou pelo coração aflito dos prisioneiros dos campos de concentração, bem como de Moltmann: Onde está Deus?

> Não por acidente histórico, mas como uma clara construção resultante dos equívocos da Idade Moderna, o chamado grande holocausto veio a acontecer nos campos de concentração e extermínio da Segunda Grande Guerra, ocorrida no século XX [...]. Hoje, já tivemos ocasião de ler em documentos da Organização Mundial da Saúde (OMS) trechos falando de "um novo holocausto" (Morais, 2010, p. 366).

O "novo holocausto" do qual o texto fala se dá nas cracolândias, presente de maneira especial nas grandes metrópoles, mas também se dá em cada lugar onde alguém sofre pelo vício das drogas. Os personagens e, talvez, o ambiente mudem, mas a construção social acaba sendo

semelhante, inclusive diante da pergunta existencial, de onde estaria Deus, em meio ao sofrimento se torna atual. A diferença possível é que a sociedade se tornou insensível diante do sofrimento alheio, embora isso também tenha acontecido no holocausto.

O processo de sofrimento causado pelo uso compulsivo de entorpecentes não se restringe ao adicto. Ele é como um explosivo que atinge tudo que está em seu entorno: família, amigos, trabalho, estudos, etc. no entanto o sofrimento é maior na medida em que mais próximo é o vínculo afetivo-social do dependente químico. Os entes queridos são codependentes uma vez que sofrem e se desgastam ante o processo de uso incontrolável da pessoa em adicção. Sofrem, ainda, pelo detrimento da condição psicológica e material onde, em muitos casos, o viciado vende bens da família, gasta seu salário, deixando de prover quanto as necessidades dos seus para consumir drogas. Aqueles que moram nas ruas e estão nas cracolândias sofrem também com a repressão policial que se assemelha àquela causada nos campos de concentração, como aponta Padre Júlio Lancellotti:

> O tratamento da Polícia Militar e GCM é assim: segurando armas, chutam a comida, tiram os documentos, as roupas, a coberta. [...] A gente sente que está havendo uma saturação, a lógica é "não vamos dar paz para eles para ver se eles somem". Eles são ameaçados, passam com motos da Rocam (Ronda Ostensiva Com Apoio de Motocicletas) os ameaçando, dizendo "vamos voltar", "vamos tirar vocês daí". É sistemático, contínuo e permanente. Imagine só, você cozinha um pouco de feijão, vem o GCM e chuta a comida? (Lancellotti, 2015).

A dependência química é um problema que deve ser refletido a partir de todas as esferas do saber em busca de uma resposta e da libertação da pessoa humana. Diante do grito oculto ou, deveria dizer escancarado, do sofrimento dos viciados a teologia não deve se esquivar a dar uma resposta de como Deus e seu Filho Encarnado se relacionam com tal grito. Embora já tenha sido apresentado uma prévia desse assunto no primeiro capitulo deste artigo, a visão de Chiara Lubich sobre o sofrimento de Deus feito homem na

Cruz ajudará a arrematar um pouco mais a reflexão.

4 CHIARA LUBICH E SUA REFLEXÃO SOBRE O GRITO DA CRUZ E O SOFRIMENTO HUMANO

Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, traz grande luz sobre vários aspectos no caminho da espiritualidade e que, consequentemente, contribui para a Teologia. Entre seus escritos, refletiremos sobre o tema de Jesus Abandonado e sua relação com o sofrimento humano, buscando aproximar tal pensamento ao dos que sofrem a dependência química.

A Cristologia abordada por Chiara merece singular atenção ao desenvolver, como outros autores, a reflexão do Crucificado e Abandonado, escândalo para a ortodoxia e consolo para os abandonados e marginalizados da humanidade que reunidos no grito que ainda ecoa do alto da cruz, e o fará pelos séculos a fora, encontram seu grito cristificado. Tal comunhão entre as dores da humanidade e a máxima dor que foi sentida e experimentada por Deus na cruz, é para Chiara chave hermenêutica de um constante sentido de libertação, uma vez que se reconhece a cruz em cada dor se experimenta a ressurreição.

Para Chiara, estava muito claro que em cada pessoa que sofre e nas adversidades da vida eram a presença do mesmo Jesus que gritou na cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Mc 15, 34). No alto da cruz estão, com Cristo, todos os pecados da humanidade, passados e futuros.

> Ele, que, por todos nós, se fez maldição, se fez pecado embora não pecador, era o ponto de contato com quem quer que se chamasse homem. Ele é o plano inclinado para todos os homens, inclusive para os mais desventurados. E pensávamos assim: como foi abandonado por todos, cada um no mundo pode dizer: é meu. É meu porque ninguém o quer: refugo do mundo e do Céu. E Jesus Abandonado revelava-se realmente a pérola preciosa para todos os homens que, no fundo, são todos pecadores. (Lubich, 2000, p. 48)

Também se encontram nesse grupo os dependentes químicos, tidos como pecadores públicos, em que sua condição não permite que se oculte o rosto diante da vergonha causada por seu vício, embora essa mesma condição obscurece a liberdade da razão e alteração de consciência que são fatores importantes para levar e conta o que é o pecado (CIC § 1849). Mas, sem dúvidas, tudo quanto a dependência causa é maléfico do ponto de vista da graça. Roubos, agressões, mortes, prostituição, desprezo dos seus entes e muitos outros males são consequências, não poucas vezes, do uso compulsivo de drogas. Seu grito de abandono é cada vez mais evidente e envolve todos que estão, de alguma maneira, ligados à pessoa viciada causando uma corrente de sofrimento.

> Também fazem lembrar d'Ele todos aqueles males de hoje, que conhecemos: a multidão de jovens, e não somente eles, escravos do sexo e os que enveredaram pela trilha da droga, do álcool etc. Males com nome, mas inomináveis, como era Jesus Abandonado para os primeiros cristãos: um vértice tal de dor incompreensível, que lhes era difícil nomeá-la. (Lubich, 2000, p. 93).

O dependente químico tem seu grito unido ao do Cristo na cruz. Nesse grito estão contidos a agonia da falta de sentido da vida, que leva tantos a se depararem com o suicídio na busca de subtrair a dor. Estão o descaso do governo que insiste em fazer vista grossa perante a problemática e a falta de uma política sobre drogas que, de fato, auxilie as pessoas em um processo genuíno de libertação. Igualmente está nesse grito, os grandes chefes do tráfico que subjugam os adictos, e que por conta de seu poder ficam impunes diante da corrupção dos que deveriam fazer justiça. Está, no grito do viciado, a mãe desolada, como Maria aos pés da cruz vendo seu filho partir. De fato, como disse Chiara, são inomináveis.

Tendo encontrado o sentido teológico para o grito e o sofrimento do dependente químico, consequentemente, se entrevê a perspectiva pascal pois o sofrimento e a morte não são o fim da estrada, mas, uma passagem. A ressureição é a promessa escatológica que está presa ao devir, porém, enche de significado e vida para o viciado que sofre no momento presente

e pode ter a esperança como suporte na sua luta contínua podendo se estabilizar, recuperando-se e experimentando já, aqui nesta vida, a dignidade de filho amado por Deus. "E a este amor o Pai corresponde com o seu poder e realiza um ato, que jamais realizara depois da Criação, isto é, a 'Nova Criação': a ressurreição" (Lubich, 2000, p. 18).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a complexidade que a problemática que envolve a questão da dependência química requer, levando em conta que a teologia não pode se isentar de um assunto deste porte para a comunidade humana e as futuras gerações, o presente artigo buscou levantar uma reflexão teológica partindo dos escritos de Chiara Lubich e com suporte de grande importância de outros nomes, dentre eles Moltmann.

Ora, a teodiceia com o problema do mal é assunto recorrente da teologia e filosofia desde muito tempo. O sofrimento presente no mundo em alguns momentos mais extremos como em época de guerras e calamidades leva a questionar onde estaria Deus. Contudo a teologia da cruz apresenta uma solução para essa questão do sofrimento, ao menos da parte de Deus que não permanece estático ante o sofrimento do seu filho, nem da humanidade inteira, embora muitas vezes se entenda o contrário.

Não é diferente a reflexão sobre o grito do dependente químico como grande chaga da sociedade contemporânea. Chiara Lubich na sua reflexão sobre o sofrimento humano traz à luz em que todo sofrimento está unido a Jesus em sua experiência de abandono do Pai e aí encontra sentido. Tal sentido não se dá só pelo fato do sofrimento encontrar um lugar teológico, por assim dizer, mas por encontrar sentido no mistério pascal de Cristo que não se esgota na cruz e experimenta a ressurreição. Deste modo o dependente químico em seu grito existencial encontra sentido na figura do ressuscitado que passou pela cruz e que no auge de sua dor grita ao seu Pai: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Mt 27,46; Mc 15, 34).

REFERÊNCIAS

A Bíblia: *Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2015.

AGUIAR, Eugênio Pacelli Correia. *Em Jesus, Deus abraça o sofrimento humano*: uma leitura de 'O Deus crucificado' de Jürgen Moltmann. Recife: UNICAP-FASA: São Paulo: Paulinas, 2019.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador:* ensaio de cristologia crítica. 18. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

LANCELLOTTI, Padre Júlio. As práticas higienistas da prefeitura de São Paulo estão se tornando a forma de agir permanente em relação aos moradores de rua. In: *Ponte Jornalismo*. Disponível em: <https://ponte.org/>. Acesso em: 07 JUL 2023.

LUBICH, Chiara. *O grito*: Jesus crucificado e abandonado na história e na vida do Movimento dos Focolares, desde o seu nascimento, em 1943, até o raiar do terceiro milênio. São Paulo: Cidade Nova, 2000.

LUBICH, Chiara. *Por que me abandonaste?:* a dor na espiritualidade da unidade. Organização: Doni Fratta. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 1998.

MOLTMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo:* Cristologia em dimensões messiânicas. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORAIS, João Francisco Regis de; *In* SERRAT, Saulo Monte (org.). *Drogas e Álcool:* Prevenção e Tratamento. Campinas: Editora Komedi, 2010.

CÓDICO DE DIREITO CANÔNICO. *Terceira parte: A vida em Cristo*. Disponível em https://catecismo.net/indice-geral/parte=3/secao=1/capitulo=1/artigo=8/paragrafo=0/topico=0/titulo=0/numero=0 Acesso em 11 de JUL 2023.